

OS SETE ERROS PRIMÁRIOS A SEREM EVITADOS PELOS PROMOTORES DA LEITURA¹

The Seven Primary Errors to be Avoided by the Promoters of Reading

Luis Miguel Cencerrado Malmierca²

Recebido em: 10 jul. 2018

Aceito em: 20 nov. 2018

RESUMO³

O objetivo desta reflexão é alertar sobre os efeitos negativos que práticas errôneas – de pais, professores ou bibliotecários – podem produzir nos leitores. Sete erros primários são apresentados no intuito de apontar caminhos mais seguros a serem trilhados durante o percurso de formação dos leitores.

Palavras-chave: Leitor. Hábito de leitura. Escola. Biblioteca.

ABSTRACT

The purpose of this reflection is to warn about the negative effects that wrong practices - from parents, teachers or librarians - can produce on readers. Seven primary errors are presented in order to point out safer paths to be followed during the readers' formation.

Keywords: Reader. Reading habit. School. Library

Você julga que os usuários da biblioteca, seus alunos ou seus filhos estão insatisfeitos com a leitura? Por acaso eles dizem que a leitura não está com nada, que é difícil ou chata ou então que a consideram uma perda de tempo, não gerando benefício algum?

¹ Artigo publicado originalmente em *Biblogtecarios*. Disponível em: <<https://www.biblogtecarios.es/lmcencerrado/los-7-errores-capitales-que-acechan-al-promotor-de-lectura/>>. Acesso em: 20 ago. 2018. Tradução para o português: Ezequiel Theodoro da Silva, FE-Unicamp.

² Consultor, professor e bibliotecário em Salamanca, Espanha. E-mail: lcencerrado@gmail.com

³ O resumo e o abstract deste trabalho foram elaborados por Ezequiel Theodoro da Silva, tradutor, com a finalidade de atender às normas da revista.

Tenha cuidado porque por detrás das manifestações e comportamentos (descritos a seguir), os sintomas de recomendações imprecisas de leitura podem estar escondidos. Nestes casos, talvez os promotores de leitura sejam vítimas de pressões e orientações induzidas por um ou mais dos sete erros primários que podem ocorrer na biblioteca, na escola e/ou em casa.

Para despertar o interesse por histórias e leituras em crianças, jovens ou adultos, não há receitas mágicas – existem caminhos múltiplos e diversos, assim como diferentes estratégias e atividades para serem executadas. Antes de tudo, é um processo que deve ser iniciado o mais cedo possível, o que requer grandes doses de estimulação, apoio e reforço constante.

Ao longo dessa caminhada, reveses e ameaças ocultas, por levarem o leitor ao desgosto, semeiam o desânimo e podem até bloquear o processo, antes mesmo que as pessoas desenvolvam um sólido hábito de leitura.

O objetivo desta breve reflexão é justamente alertar sobre os efeitos adversos que práticas negativas – de pais, professores ou bibliotecários – podem produzir nos leitores. Estar ciente sobre atitudes que às vezes tomamos como promotores ou mediadores da leitura e que trazem consequências negativas prevenirá situações indesejáveis. Assim, para evitar um prejuízo mais sério à relação do leitor -livro, é importante levar em conta esses erros crassos e, conseqüentemente, evitar as atitudes e os comportamentos descritos a seguir.

Introduzir a leitura como uma fonte de prazer imediato é, sem dúvida, uma forma de atrair a atenção e despertar o interesse pelo hábito por parte do leitor. Mas não devemos nos esquecer de que a leitura também exige esforço, concentração e estímulo para o enfrentamento dos desafios que as obras lançam ao leitor. A compreensão e o desfrute dos textos, imagens ou locuções que enfeixam uma leitura nem sempre são alcançados de uma única maneira, mas dependem do tipo de obra, do seu conteúdo e de sua natureza. Essa diferença na sua forma de construção faz com que cada obra, seja ficção ou não-ficção, se apresente como mais ou menos exigente aos olhos do leitor. Assim, o desenvolvimento de um sólido hábito de leitura requer dedicação e tempo de imersão. Nesse sentido e por isso mesmo, devemos estar atentos no sentido de reconhecer os esforços do leitor, apoiando e

recompensando a sua trajetória e, o mais importante, fornecendo orientações que faça esse leitor ainda mais competente.

Concentrar a nossa atenção na “quantidade de leitura” pode fazer com que o nosso foco se desvie do fundamental, ou seja, promover a compreensão e a crítica por meio da leitura. O importante não é avaliar a qualidade de um leitor pela quantidade de obras que ele lê ou que fica obcecado a ler depois de admirar as longas prateleiras de livros em nossas bibliotecas. Realmente, não se trata aqui de fomentar a fome e a gula, mas sim de encorajar o crescimento de leitores competentes, eficientes e críticos; reforçar a nossa tarefa de formação, criar espaços de expressão e comunicação em torno das leituras e trabalhar arduamente para formar um acervo de qualidade que responda às necessidades dos usuários e que sirva também para enriquecer e aumentar as suas expectativas em relação à leitura e escrita e ao desfrute cultural como um todo.

Privilegiar a abordagem utilitarista da leitura limita e reduz as possibilidades que uma obra nos oferece, não apenas a literária ou de recorte reflexivo, mas também a de informação e conhecimento. Recomendar ou rejeitar um trabalho sob o prisma exclusivo de sua utilidade ou inutilidade, do benefício tangível que vamos extrair dele, é igualmente empobrecedor para o leitor. Uma determinada situação exigirá, sem dúvida, a leitura de um guia, um manual de uso ou outro trabalho concreto e específico que nos ajude a resolver um problema. Mas esse olhar um tanto ganancioso e egoísta de leitura limita as suas finalidades plurais. Caminhando no sentido contrário, devemos convidar os leitores a traçar os seus próprios itinerários de leitura, especialmente os leitores iniciantes, para que possam descobrir novos sabores, cultivar seu paladar, forjar os seus próprios critérios de seleção e consolidar as suas preferências.

Dar o mesmo valor a todos os textos é um erro que também devemos evitar durante a implementação de projetos de promoção da leitura. A preguiça pode nos empurrar para a região dos descuidos quando se trata de conhecer e avaliar toda a gama de materiais de leitura que vamos recomendar e/ou oferecer para um determinado grupo. Essa atitude abre as portas para desequilíbrios na escolha de obras e recursos, sob o risco de que eles não se adaptem ao público-alvo, que não atendam aos padrões de qualidade que deveriam ter ou que não são suficientemente

envolventes no que se refere à motivação e ao interesse. Contra isso, é fundamental conhecer o acervo à disposição, pelo estudo direto ou através de outras fontes adicionais e confiáveis. Isso nos permitirá determinar o valor de cada material e, dependendo dele, optar por aquele que melhor se adapte aos interlocutores do nosso trabalho e à estratégia que pretendemos desenvolver com os mesmos.

A imposição das leituras pode desencadear a ira daqueles junto aos quais pretendemos incentivar a leitura, pode provocar efeitos contrários aos pretendidos e causar danos irreversíveis ao seu processo de aproximação e aprofundamento dos textos. É óbvio que, como parte da aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades de alfabetização é um aspecto fundamental e básico na formação do indivíduo. Além disso, a consolidação de hábitos de leitura requer grandes doses de persuasão e margens de liberdade de modo que o leitor possa experimentar, sem restrições, todas as funções da leitura: lazer e diversão, prazer estético, satisfação da curiosidade, informação, produção argumentos para sustentar pontos de vista, conhecimento de outras realidades, outras pessoas, e aprendizagem sobre tudo aquilo que uma obra proporciona.

Encapsular a leitura e isolá-la de outras atividades não é saudável e pode desencadear uma frustração diante de atividades correlatas. A leitura deve fazer parte da existência e se encaixar na vida do leitor sem entrar em conflito com outras atividades. A leitura faz parte do crescimento e do enriquecimento pessoal, acadêmico, profissional e social desde a mais tenra idade e se estende ao longo da vida. Além disso, você não pode entender o livro fora do conjunto das outras manifestações culturais. Nem literatura, nem ensaio, nem obras de não-ficção são estranhas a outras formas de expressão e criação, como a música, artes visuais, teatro, cinema, televisão, ou até mesmo jogos de vídeo ou as novas narrativas digitais. A leitura, portanto, está inserida no desenvolvimento integral da pessoa e o hábito da leitura se ancora em um conjunto de preocupações culturais e vitais que dão sentido pleno ao ato de ler.

Pensar que as leituras de que gostamos agrada a todos é uma atitude que exala certa arrogância, mesmo que seja bem-intencionada. Devemos ter em mente que o nosso gosto pessoal foi formado pouco a pouco, com sucessos e rejeições – é assim mesmo que isso acontece. Sem dúvida, é bom compartilhar as nossas leituras com

os outros, mas sempre consciente de que as leituras que nos impactaram nos fizeram, por diferentes motivos, rir, chorar ou conectar-nos com os nossos filhos, alunos ou usuários. Consequentemente, é importante saber a quem estamos nos dirigindo, suas habilidades e interesses, abordar e compartilhar leituras e abandonar atitudes de superioridade que nos levam a negar ou subestimar a cultura do outro.